

## ESTUDO DE PERIÓDICOS LITERÁRIOS ANTECEDENTES E METODOLOGIA

### STUDY OF LITERARY JOURNALS BACKGROUND AND METHODOLOGY

D'ONOFRIO, Silvio Tamaso.

**Resumo:** O artigo pretende apresentar e discutir alguns dos principais estudos do periodismo literário realizados em âmbito acadêmico, no Brasil do século passado, com destaque para a atividade promovida por Alfredo Bosi e José Aderaldo Castello na orientação de pesquisas de pós-graduação dedicadas ao tema, dentro da Universidade de São Paulo. Adicionalmente, ao tomar de impulso algumas das propostas apresentadas por Carlos Guilherme Mota e Sergio Miceli, em suas respectivas obras *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974): pontos de partida para uma revisão histórica* (2008) e *Intelectuais à brasileira* (2001), a abordagem dedicará atenção à questão dos grupos de afinidade e sociabilidade intelectual nas publicações periódicas. Partindo do pressuposto de que a análise de periódicos literários representa eixo fundamental no esforço de compreensão do momento histórico, posto que jornais e revistas corporificam local privilegiado para a veiculação crítica e ideológica de empreendimentos estéticos e políticos e, de posse do manancial teórico explorado, o artigo esboçará uma proposta para o estudo de periódicos do século 20 além de discutir possíveis caminhos para a atividade no século 21.

**Palavras-chave:** Periodismo. História. Metodologia.

**Abstract:** The article intends to present and discuss some of the main studies of literary journalism carried out in academic scope, in Brazil in the last Century, with emphasis on the activity promoted by Alfredo Bosi and José Aderaldo Castello in the orientation of postgraduate researches dedicated to the theme, at University of São Paulo. Additionally, by taking impulse from some of the proposals presented by Carlos Guilherme Mota and Sergio Miceli, in their respective works *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974): pontos de partida para uma revisão histórica* (2008) and *Intelectuais à brasileira* (2001), the approach will pay attention to the issue of affinity groups and intellectual sociability in periodical publications. Based on the assumption that the analysis of literary journals represents a fundamental axis in the effort to understand the historical moment, since newspapers and magazines embody a privileged location for the critical and ideological transmission of aesthetic and political undertakings and, in possession of the explored theoretical source, the article will outline a proposal for the study of 20<sup>th</sup>. century journals and discuss possible paths for the activity in the 21<sup>st</sup>. century.

**Keywords:** Periodism. History. Methodology.

## 1. Introdução

A elaboração deste artigo foi motivada pela crença de que o estudo dos periódicos, de uma forma geral, e do periodismo literário, em particular, pode figurar como item fundamental nos estudos históricos, literários e outros.

O recorte temporal proposto, elegendo o século 20 como foco de análise, justifica-se a seguir. É sabido que boletins e almanaques existem desde tempos imemoriais. Tratando apenas de mundo ocidental, há pelo menos dois milênios existem notícias oficiais traçadas em madeira ou escupidas em metal e também na rocha; em Roma eram chamadas *Acta Diurna*, ou “Atos do dia”. Essas iniciativas noticiosas e informativas das civilizações antigas, no entanto, tinham normalmente um caráter oficial, eram dos governantes, por assim dizer, e este aspecto as exclui do interesse do presente artigo.

Restringindo-se, também, o âmbito deste documento para as iniciativas jornalísticas ocorridas apenas em território nacional, cumpre lembrar que a imprensa apenas é autorizada a funcionar no ano de 1821 (LUSTOSA 2006, 79), com a chegada da família real portuguesa ao Brasil, poucos anos antes. Vale mencionar que muitos dos jornais do século 19, talvez a maioria deles, especialmente aqueles mais do início do século ou até mais ou menos a metade dele, pensando em Brasil mas também em termos globais, apresentavam uma característica que se poderia chamar de literária, destinando pouco espaço para notícias, fatos e acontecimentos mais objetivos. Esses jornais eram preenchidos por textos poéticos, cifrados, normalmente apócrifos, ou então eram assinados por meio de pseudônimos e continham também crônicas sentimentais, textos de aspecto religioso e propaganda comercial.

Mais ou menos a partir da metade dos anos 1850 os jornais vão se tornando mais objetivos, vão adotando linhas editoriais mais bem definidas, fazem uma cobertura melhor de acontecimentos do dia a dia, da política, dos esportes e, portanto, vão se diferenciando melhor uns dos outros por meio de suas linhas editoriais: alguns tornam-se jornais esportivos, outros político-partidários, publicam-se jornais e revistas especializados em assuntos culturais, surgem os jornais dedicados ao público feminino e assim por diante. Foram se especializando e desenvolvendo até as décadas finais do século 20.

Sendo assim, o recorte temporal abrangendo o século 20 decorre, para registrar de forma singela, de uma tentativa de focar aquele jornal à moda antiga como uma abstração de um tipo de empreendimento que parece ter ficado no tempo: funcionava normalmente sob uma única razão jurídica, tinha um escritório de redação centralizado para onde todos se deslocavam, a grande maioria dentro de um mesmo horário comercial, para cumprir com suas tarefas, entre outras muitas características. Este modelo poderia ser descrito também como relativo aos periódicos dos séculos anteriores ao vigésimo, mas como as fontes utilizadas aqui e também as discussões propostas, não apontarem para as iniciativas mais antigas, preferiu-se definir como enfoque apenas o século 20.

Ainda de forma simplificada, pensando mais nas transformações e na estrutura do que exatamente na definição de marcos temporais, pode-se dizer que, no século 21, jornais e revistas, bem como suas empresas e redações, tornaram-se ou estão em vias de se tornarem “outra coisa”, quando comparados aos congêneres dos séculos anteriores. Hoje o trabalho em escala alternativa, muitas vezes efetuado de forma remota, em regimes jurídicos diferenciados, em trabalhos que atualmente chamamos de *free lance*, por exemplo, determinam toda uma nova gama de relações que se refletem, necessariamente, no produto final elaborado, nas linhas editoriais, nos negócios enfim, que terminam por refletir a multiplicidade e simultaneidade do contemporâneo.

Finalmente, se é correto dizer que desde a popularização da internet, nos anos 1990, o jornal tradicional vai se transformando, pode-se considerar que antes da internet o jornal era e continuou a ser praticamente o mesmo meio de comunicação que era desde o seu surgimento, daí a tentativa de refletir aqui a respeito deste veículo que funcionou praticamente sem grandes alterações por muitas décadas, possivelmente séculos.

Os objetivos gerais aqui propostos são: proporcionar uma visão geral dos principais estudos de periódicos culturais (também chamados literários), em âmbito universitário, no Brasil; analisar criticamente algumas propostas de estudo efetivadas; discutir os estudos a partir de conceitos como geração, censura, grupos de afinidade e sociabilidade; apresentar um método para o estudo de periódicos; discutir propostas para o estudo de periódicos no/do século 21.

## 2. O estudo de periódicos na universidade

Há quase meio século, no Brasil, o estudo dos periódicos literários ganhou grande impulso com o auxílio de dois professores da Universidade de São Paulo. Supervisionando trabalhos de pós-graduação, José Aderaldo Castello (CAVALCANTE et alii 2003, 26) e Alfredo Bosi (SILVA 1979, 117-122) ampliaram a fortuna crítica sobre periódicos Modernistas, ou do momento estético imediatamente anterior, aproveitando o grande acervo de jornais e revistas literárias que a universidade ameculhou no decorrer dos anos, como o caso daqueles constantes da Coleção Mário de Andrade, por um lado; e demonstrando a importância da análise dos periódicos para uma compreensão mais acurada, posto que locais privilegiados para a veiculação crítica e ideológica de determinado movimento estético, por outro. Esse trabalho foi continuado por dois ex-orientandos de Castello, tornados também professores e orientadores de pós-graduandos que, por sua vez, também estudaram outros periódicos literários: Cecília de Lara e Neroaldo Pontes. Nesse sentido, apenas referentes ao trabalho desses quatro profissionais, até 1980 haviam sido publicadas 32 teses de doutorado e dissertações de mestrado no Instituto de Estudos Brasileiros e na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (SILVA 1979, 117), entidades pertencentes à Universidade de São Paulo. Há outros continuadores desse trabalho, ainda no âmbito da faculdade de Letras da USP, que merecem destaque, o professor Antonio Dimas é um exemplo, neste sentido, tendo estudado periódicos tanto em seu mestrado quanto em seu doutorado, este orientado por Alfredo Bosi, e aquele por José Aderaldo Castello. Tornado professor da casa, Dimas orientou várias novas teses e dissertações sobre periódicos e participou de inúmeras bancas de avaliação sobre o tema.

Esse esforço pela compreensão do grande volume de periódicos empreendido por Castello e Bosi amadureceu um projeto de estudos de periódicos em que diretrizes básicas foram estabelecidas para a orientação de pesquisadores interessados na análise periodística. Dessa maneira, explicitamente derivados do amplo projeto de estudos de periódicos literários idealizado por José Aderaldo Castello, e portanto basilares em termos de estudos sobre o Modernismo, foram concluídos estudos sobre os periódicos *Festa* (CACCESE 1970), *Rosa-Cruz* (DIMAS 1970), *Via Láctea* (KIEL 1970), *Movimento Brasileiro* (BOAVENTURA 1975), sobre a segunda fase da *Revista do Brasil* (IKEDA 1975), sobre *Arco & Flexa* (ALVES

1976), *Clima* (CAVALCANTE 1978), *Cadernos da Hora Presente* (NISHIKAWA 1978), *Revista Brasileira de Poesia* (ALVES 1979) e *Revista Nova* (KREINZ 1979), para nomear apenas algumas dessas monografias.

Na região sul do país também se desenvolveram importantes pesquisas sobre o periodismo brasileiro no século 20, especialmente sob o trabalho das professoras Maria da Glória Bordini e Regina Zilberman, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e também na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Comparados com os trabalhos derivados de Bosi e Castello, aqui o número de produções é menor, ainda assim são produções de grande empenho e relevância. Suas atividades também continuam a gerar novos desenvolvimentos que ecoam os trabalhos iniciais de fôlego ao redor de revistas sulistas como a *Revista do Globo*, a *Província de São Pedro*, entre outras.

Observado em conjunto, esses estudos universitários compreendem um amplo espectro de exercícios e realizações, e cada um deles conseguiu com menor ou maior afincamento encontrar uma nova forma de abordar o estudo de periódicos. Para um estudo de profundidade nos periódicos, especialmente literários, que tivesse que ser elaborado nos dias atuais, seria recomendável e até mesmo necessário que cada uma das soluções encontradas nesse conjunto de teses e dissertações fosse analisado para detectar vantagens e inovações metodológicas, para incorporá-las, e falhas, para evitá-las.

Uma recente pesquisa de doutoramento que investigou, não extensivamente, o conjunto documental disponível relativo ao estudo de periódicos, os trabalhos de Bosi, Castello e Dimas, mencionados, elaborou as seguintes questões impulsionadoras de sua análise (D'ONOFRIO 2017, 18): 1) Como os gestores do jornal se constituíram como grupo? O que se pode atestar em termos de sua legitimidade, em sua época – foram ou participaram da hegemonia jornalística e/ou cultural de sua época? 2) De que maneira o grupo gestor participou na estruturação de um campo intelectual na cidade, no estado ou no país onde atuaram? 3) em que medida a integração ao grupo gestor impulsionou intelectual e profissionalmente os participantes do grupo?

### **3. A gestão de um periódico**

Conforme apontou Heloisa Pontes em sua tese de doutorado (PONTES 1996, 5), o sociólogo inglês Raymond Williams já demonstrara que, se não se pode desprezar o conhecimento dos grupos intelectuais para a compreensão de empreendimentos culturais, como um jornal, por exemplo, por outro lado há dificuldades metodológicas ainda não superadas para uma efetiva compreensão desses grupos intelectuais:

[...] a história da cultura moderna é impensável sem a análise comparativa dos grupos de intelectuais, artistas e escritores, que contribuíram para a sua formulação e atualização. O trabalho analítico envolvido nessa direção pressupõe uma série de problemas metodológicos que podem, grosso modo, ser resumidos em duas ordens de questões. Por serem compostos por um número relativamente pequeno de membros, não é possível analisá-los com um instrumental estatístico. Por outro lado, os princípios e valores que unem seus integrantes não são codificados institucionalmente. Eles são ancorados num corpo de práticas e representações e, simultaneamente, na 'estrutura de sentimentos' e no 'ethos' do grupo.

Apesar disso, resta insistir e valorizar no estudo de grupos de intelectuais, pois sem isso não se apreende a existência e o significado amplos de um empreendimento jornalístico e, perseguindo-se a rotina dos grupos, descortinam-se laços profissionais mas também de afinidade, parentesco e compadrio, passando normalmente por seus hábitos e costume, até mesmo seus pontos de encontro pode ser enriquecedor procurar, no cotidiano da urbanidade, para a apreensão mais completa da atividade jornalística. Em minha tese de doutorado (2017), estudei um grupo de escritores conhecido por Grupo da Baruel, cujo nome advinha de seu ponto de encontro, a Drogaria Baruel, na esquina da praça da Sé com a rua Direita, no marco zero da cidade de São Paulo. No final dos anos 1930 e início dos 40, esse grupo poderia ser considerado como uma espécie de epígono de uma tradição antiga no Brasil, qual seja, a da reunião dos homens para a conversa do dia, em qualquer local, de uma forma geral, mas especialmente nas tradicionais boticas (GAMA 1998, 36), particularmente reunindo pessoas de mais elevado nível educacional, cultural ou mesmo de renda. Era o local da ciência, onde os poucos que detinham diploma de ensino superior à época – a grande maioria composta por advogados, médicos e engenheiros, reuniam-se para discutir assuntos adicionais aos comumente discutidos no dia a dia das pessoas.

Grupo surgido um pouco depois, mas interlocutor da turma da Baruel foi o chamado “Grupo de Clima”, que reunia escritores e intelectuais como Antonio Candido, Décio de Almeida Prado, Lourival Gomes Machado, entre outros, responsáveis pela revista literária *Clima*. Cada um desses grupos tinha por ponto de encontro um local da cidade, o Grupo de Clima, na Confeitaria Vienense, e o pessoal da Baruel, na Drogaria. Em outros municípios a situação não era diferente, como no caso da contemporânea dos dois casos acima mencionados, *Moços: Revista mensal de literatura e crítica* (GOMES 2021, 19), esta localizada em Curitiba, no Paraná, cujos integrantes elegeram por ponto de encontro a Faculdade de Direito do Paraná (atualmente integrante da universidade federal daquele estado), onde muitos estudavam e alguns lecionavam. Grupos gestores de jornais e revistas de outras épocas, também, invariavelmente tinham um local para seus encontros, ainda que fossem os próprios escritórios e redações dos veículos que colaboravam: era onde convergiam convivência profissional e convivência pessoal, gerando produção intelectual e laços de amizade.

Nos anos 1940, grupos literários e seus periódicos representavam a continuação de uma tradição que ganhou vida nova com a Semana de Arte Moderna, de 1922. João Dornas Filho, um dos primeiros escritores a refletir o impacto de 22 em seus poemas, comenta a tradição renovada de coletivos sociais e periódicos à época do Modernismo:

A proliferação de grupos e igrejinhas literárias que então se formavam por todo o país, mas obedecendo sem exceção aos novos princípios estéticos, longe de enfraquecer o movimento, lhe dava plasticidade e vibração, denunciados num sem número de jornais e revistas que anunciavam a era nova. (DORNAS FILHO 1973)

Outro local que costumava reunir conversas mais intelectualizadas eram as livrarias, costume que pode ter sua origem mais ou menos bem definida, em se tratando de eixo Rio-São Paulo, no ano de 1846 (BARBOSA 1962, 32), ou seja, com o estabelecimento no Rio de Janeiro da Livraria Garnier, seguida da abertura da filial paulista da Casa Imperial do Rio de Janeiro, atividade cumprida em 1859 pelo caixeiro da Garnier, Anatole Louis Garraux: esse seria o início da Casa Garraux, que duraria até 1930.

Antes disso porém, em 1918, José Olympio Pereira Filho começa a trabalhar na seção de livros da Casa Garraux, deixando-a em 1930, quando adquire a biblioteca do bibliófilo Alfredo Pujol. Inicia-se então, como aponta Francisco de Assis Barbosa, “uma outra história: a da Livraria José Olympio Editora”.

Em torno da Garnier, da Garraux e da José Olympio (D’ONOFRIO 2017, 221) ocorre uma movimentação social, histórica e literária inédita no Brasil, ainda não esgotada em estudos compreensivos, e que produz uma série de reverberações que, por mais que se tenham alterado, permanecem até os dias atuais. Adicionalmente, editoras e livrarias, bem como alguns livreiros e editores, foram dispostores de boa parte da produção literária do Brasil por dilatado período de tempo.

Reunindo informações que se encontram esparsas em ensaios, livros de memórias, correspondências, bem como em crônicas e artigos de jornais, poder-se-á mapear as livrarias e os livreiros que foram não apenas veículos, mas vetores da indústria cultural brasileira de quase a totalidade do século 20, o que vai de encontro com os depoimentos de autores que se referem ao cotidiano das livrarias que frequentavam, da relação afetiva que mantinham com seus editores ou livreiros. O mesmo se poderia dizer com relação a outros lugares de encontro, clubes, farmácias, empresas, praças.

Como adverte Brito Broca na introdução de *A vida literária no Brasil-1900* (BROCA 1956, 8), há uma distinção entre “vida literária e literatura”, embora saliente o autor que “ambas se toquem e se confundam”. O fato é que as livrarias, bem como determinadas casas editoriais, estão inseridas no cotidiano da vida cultural nacional, através da figura de seus proprietários editores, e da movimentação de seus autores, que não se limitavam a uma relação comercial e hierarquizada, inclusive tendo-se em vista que a publicação, de qualquer natureza, era importante também para o reconhecimento mútuo dessas pessoas, essas relações podiam adquirir outras nuances mais difíceis de serem detectadas rapidamente; livrarias e editoras forneciam, além dos seus balcões e estantes, espaços de convívio que por sua vez são fomentadores de costumes. O mesmo ocorria nas antigas boticas e drogarias.

Voltando aos anos 30, naquele momento, a literatura brasileira como um todo floresce repentinamente e os estudos sobre o Brasil ganham, com isso e no particular, extraordinário desenvolvimento em poucos anos (CANDIDO 1989, 25).



Na esfera econômica a nação sofre as consequências da grande depressão de 1929. Na área política há um aumento na polarização ideológica e, nos anos 1930, a implantação de um regime ditatorial que reflete o estado de acirramento ideológico advindo, em grande parte, do plano internacional que apresentava um cenário marcado pela grande ascensão fascista – “tempo de homens partidos”, registrou o poeta Carlos Drummond de Andrade –, e pela gestação e instalação de um novo conflito de proporções globais no final daquela década de 1930.

Retornando ao mercado editorial nacional, o aumento de oportunidades para o desempenho da atividade escrita ganha impulso com a maior generalização de relações capitalistas, incipientes durante quase todo o século 19. O aumento, ainda que tímido, do poder de compra de patrões e empregados, aliado à já citada pálida diminuição, mas em curso, da taxa de analfabetismo, impulsiona o setor de imprensa nacional, que vai se firmando e tentando deixar de lado o amadorismo. Com o passar dos anos, surgem grandes grupos industriais na imprensa nacional e aqueles já existentes, lembre-se que *O Estado de S. Paulo* existe desde 1875, consagram-se. Os periódicos batem seguidos recordes de produção e venda e o público começa a demandar, e a efetivamente ter acesso, a um maior volume de informação, dentro desta, a informação relativa às artes liberais, de conteúdo cultural.

Os cadernos e suplementos literários não eram novidade dentro dos periódicos, no entanto nas primeiras décadas do século 20 eles ganham investimento e público. Passam a contar com a organização e a colaboração tanto de novatos quanto de nomes consagrados num mercado mais profissionalizado, inclusive no aspecto fabril, que separa em cadernos distintos as informações. A esse respeito, comenta o intelectual marxista Nelson Werneck Sodré:

As colaborações literárias, aliás, começam a ser separadas, na paginação dos jornais: constituem matéria à parte, pois o jornal não pretende mais ser, todo ele, literário. Aparecem seções de crítica em rodapé, e o esboço do que, mais tarde, serão os famigerados suplementos literários. Divisão de matéria, sem dúvida, mas intimamente ligada à tardia divisão do trabalho, que começa a impor as suas inexoráveis normas. (SODRÉ 1999, 297)

O crescimento na demanda por leitura, incrementando a indústria livreira nacional, prossegue nos anos seguintes e por diversos motivos, até mesmo a segunda grande guerra auxilia nesse sentido: ocorre que, faltando alguns meses para o término do ano de 1939, a

Inglaterra promove o bloqueio naval da Alemanha, o que praticamente interrompe o comércio com aquele país. A rápida desvalorização do mil-réis frente às moedas internacionais eleva o custo dos livros estrangeiros e a dificuldade mercantil internacional provocada pelos conflitos armados – é notório o entrave para a importação de papel nessa época (ainda não havia papel nacional de jornal disponível no mercado (HALLEWELL 2005, 353) –, faz com que o provimento de livros para o Brasil desloque-se, em grande parte, do velho para o novo mundo. O próprio consumo global de livros estrangeiros é também diminuído graças a esse contexto, impulsionando o livro brasileiro (HALLEWELL 2005, 490). Segundo Hallewell, entre 1930 e 1936 a indústria livreira paulista cresceu 600% (p. 246).

É curioso assinalar que esse é o momento de maior açoitamento ditatorial, é o período que ficou marcado como o mais violento dentro do Estado Novo de Getúlio Vargas, ou seja, os anos de 1939 a 1942, anos de influxo humanitário e cultural no Brasil (HALLEWELL 2005, 460), o que não era pouco: segundo o historiador Boris Fausto, ditadura de Getúlio Vargas provocou maior mortandade absoluta de população civil do que o levante civil militar de 1964-1985, e isso em um período de tempo sensivelmente menor, ou seja, paradoxalmente, ainda que com o consumo da leitura aumentando – também motivado pela ampliação das iniciativas culturais do Estado para com os seus cooptados (JOHNSON, 1995; MICELI, 2001), foi um momento agudo para o trabalho intelectual (FAUSTO 1997, 73).

O aprofundamento do estudo da(s) trajetória(s) dos coletivos sociais/profissionais por trás dos empreendimentos jornalísticos acrescenta elementos para a compreensão da realidade como um todo, destacando meandros literários, jornalísticos, editoriais, culturais e de redes de sociabilidade. No caso dos jornalistas seria, em outras palavras, uma tentativa de descobrir, de fato, o que os envolvidos faziam, aquilo que Brito Broca chamou de “vida literária” (BROCA 1956, 30), a seu tempo, e que hoje se localiza mais ou menos sob as rubricas da História Intelectual ou História da Cultura. Broca exemplifica o poder dessa “vida literária” usando da sua própria posição como cronista jornalístico para refletir. Segundo ele, o cronista é um:

Fixador dos aspectos transitórios, que se poderá mais tarde fazer o levantamento de todas as particularidades de uma época. Nada será fútil ou desprezível na crônica, sempre que ela registre com precisão de detalhes, mesmo os mais insignificantes, os hábitos, os costumes do teor de vida da cidade. (BROCA 1993, 25)

O crítico Álvaro Lins aborda essa mesma questão da vida literária sugerindo que ela teria uma importância ainda maior do que a própria literatura, porque anterior a esta. Adicionalmente, vincula radicalmente vida literária com as publicações periódicas:

A vida literária – a que não entra na história e não tem outra duração além de seus próprios dias – revela-se sempre em movimento através de revistas, de pequenos jornais, de publicações diversas que aparecem e desaparecem numa espécie de ritmo natural. No entanto, pensando bem, verificamos que é sobre este movimento que se constrói a literatura. A vida da literatura de duração e permanência precisa desta outra vida efêmera de todos os dias. Através de revistas e de jornais desta espécie é que as gerações, por exemplo, afirmam os seus primeiros sinais e comunicam a sua presença nas letras. (LINS 1963, 12)

Seria essa vida, a literária, promotora da literatura, aquela a que se refere Mário de Andrade quando duvida de seu próprio talento e ressalta a importância de “viver”?

Que me importa que a minha obra não fique? É uma vaidade idiota pensar em ficar, principalmente quando não se sente dentro do corpo aquela fatalidade inelutável que move a mão dos gênios. O importante não é ficar, é viver. Eu vivo (ANDRADE 1984, 76).

#### **4. Um método para o estudo de periódicos literários ou culturais**

Analisando as pesquisas acadêmicas apresentadas anteriormente, detecta-se a permanência de determinados itens que, por outro lado, permitem a elaboração de um roteiro para a pesquisa de periódicos divididos em três categorias principais: apresentação; grupo dirigente; ideias e atitudes. Essas categorias possuem subitens que dão conta de expandir o estudo e compreender o periódico em análise ao menos em seus aspectos principais.

A proposta expandida é a seguinte:

1) Apresentação: proprietários e impressores, direção da empresa, redatores e corpo funcional, colaboradores, ilustradores, fotógrafos, expediente, dimensões, quantidade de páginas, aspectos gráficos, tipologia, divisões internas, colunas e sessões fixas, periodicidade, anunciantes, patrocinadores.

2) Grupo dirigente: origens, afinidades, influências, vantagens, desvantagens, dissidências.

3) Ideias e atitudes: manifestos, editoriais e textos de opinião do próprio jornal (não assinados), ideário político, ideário crítico, noticiário, criação em poesia e prosa.

## 5. Considerações e propostas para o século 21

Afastando-se do empreendimento que buscou sistematizar um método para o estudo de periódicos em um “modelo ideal”, digamos assim, o caminho para o estudo de periódicos do e no século 21 parece ser aquele de indexar eletronicamente todos os conjuntos documentais colhidos para que se ensaie construir dinamicamente os instrumentos de pesquisa sobre grupo, jornais e relações interpessoais. Ou seja, tendo um sistema eletrônico com todas as informações inseridas em locais definidos (ou sistemas automatizados que cumpram esse tipo de tarefa, ainda que de forma parcial), poder-se-ia fazer pesquisas que conjugassem essas informações na ordem desejada pelo pesquisador, e não em uma ordem preestabelecida ou um padrão comum, resultando em relatórios dos mais diversos.

Além disso, resta ao pesquisador das humanidades, no século 21, aproximar-se daquilo que está sendo definido como “Humanidades Digitais”, um novo ramo da ciência que se utiliza de recursos informatizados, portanto elementos das ciências Exatas, para o estudo de objetos anteriormente restritos às Humanidades. Convém a este pesquisador compreender e, na medida do possível, habituar-se ao uso de ferramentas e métodos descritos por termos como algoritmos, análises multifatoriais, big data, bots, bancos de dados, inteligência artificial, linguagens de programação (especialmente Python, R, Javascript e SQL), formatos de dados (principalmente Json e XML), repositórios e sistemas de controle de versão (Git).

E para aqueles que têm dúvida se vale a pena dedicar-se ao estudo de jornais, revistas – e portanto pessoas – desconhecidos, anônimos, afastando-se da cultura de celebridades que parece dominar os setores acadêmicos e culturais do mundo atual, vale lembrar o que o crítico Antonio Candido pronunciou a respeito:

Me interesse não apenas pela atuação dos grupos e classes dominantes, mas também pelos agentes anônimos e pelas personagens humildes, que são dissolvidos nas generalizações e desaparecem tragados pelas estatísticas. Raramente eles chamam individualmente a atenção dos estudiosos, e nunca a dos biógrafos. Mas acho que o estudo dos indivíduos “que não têm história” pode aprofundar o conhecimento. (CANDIDO 2003, p. 521)

## REFERÊNCIAS

ALVES, Ívia Iracema Duarte. **Arco & Flexa (Contribuição para o estudo do Modernismo)**. São Paulo, 1976. 168 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira – Orientação: José Aderaldo Castello) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

ALVES, Maria Marcelita Pereira. **Revista Brasileira de Poesia – Periódico pós-modernista: Contribuição para o estudo do modernismo brasileiro**. São Paulo, 1979. 141 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira – Orientação: José Aderaldo Castello) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

ANDRADE, Mário de. Carta a Carlos Drummond de Andrade. 1924. In: LOPEZ, Telê Ancona (Org.). **A imagem de Mário**. Rio de Janeiro: Alumbamento/Livroarte, 1984.

BARBOSA, Francisco de Assis. Alguns aspectos da influência francesa no Brasil – Notas em torno de Anatole Louis Garraux e da sua Livraria em São Paulo. In: GARRAUX, A. L. **Bibliographie Brésilienne: catalogue des ouvrages français et latins relatifs au Brésil (1500-1898)**. Trad. Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

BOAVENTURA, Maria E. da Gama Alves. **Movimento Brasileiro (Contribuição ao estudo do Modernismo)**. São Paulo, 1975. 248 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira – Orientação: José Aderaldo Castello) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil-1900**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1956.

BROCA, Brito. Notícia de um 'inverno' carioca. In: LEVIN, Orna M. (Org.). **Brito Broca: Teatro das letras**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1993, p. 25.

CACCESE, Neusa Pinsard. **Festa: Contribuição para o estudo do Modernismo**. São Paulo, 1970. 169 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira – Orientação: José Aderaldo Castello) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

CANDIDO, Antonio. Entrevista concedida a Adriano Schwartz e Maurício Santana Dias. 12 fev. 2002. In: SCHWARTZ, Adriano (Org.). **Memórias do presente: 100 entrevistas do “Mais!”: 1992-2002**. Vol. 2. São Paulo: Publifolha, 2003.

CAVALCANTE, Maria Neuma Barreto. **Clima: Contribuição para o estudo do Modernismo**. São Paulo, 1978. 250 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira – Orientação: José Aderaldo Castello) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

CAVALCANTE, M. Neuma B.; LIMA, Yêdda Dias; LOPEZ, Telê Ancona; MATOS, Edilene (Orgs.). **A presença de Castello**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Instituto de Estudos Brasileiros, 2003.

CAVALHEIRO, Edgard (Org.). **Testamento de uma geração**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1944. (Autores Brasileiros, 9).

D'ONOFRIO, Silvio Tamasso. **Fontes para uma biografia intelectual de Edgard Cavaleiro (1911-1958)**. São Paulo, 2012. 394 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Brasileiros – Orientação: Marcos Antonio de Moraes) – Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo.

D'ONOFRIO, Silvio Tamasso. **O Grupo da Baruel e a intelectualidade paulista nos anos 1940**. São Paulo, 2017. 348 f. Tese (Doutorado em História Social – Orientação: Paulo Teixeira Iumatti) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

DIMAS, Antonio. **Rosa-Cruz: Contribuição ao estudo do Simbolismo**. São Paulo, 1970. 129 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira – Orientação: José Aderaldo Castello) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

DONATO, Mário. Roteiro existe. **Roteiro: Quinzenário de Cultura**, São Paulo, 5 maio 1939. Exemplar depositado no Prontuário Quirino Pucca (DEOPS), no acervo de periódicos do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

DORNAS FILHO, João. Para a história do Modernismo brasileiro. Belo Horizonte, **Minas Gerais**, 10 mar. 1973.

FAUSTO, Boris. **A revolução de 30: Historiografia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

GAMA, Lúcia Helena. **Nos bares da vida: produção cultural e sociabilidade em São Paulo, 1940-1950**. São Paulo: Senac, 1998.

GOMES, Gilvana de Fátima Figueiredo. **A Editora Guaíra: Estratégias, sociabilidades e projetos políticos culturais (décadas de 1930/1960)**. Assis-SP, 2021. (Doutorado em História – Orientação: Tania Regina de Luca). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: Sua história**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2005.

HEINZ, Flávio M. (Org.). **Por uma outra história das elites**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

IKEDA, Marilda A. Balieiro. **Revista do Brasil – 2a. fase: Contribuição para o estudo do Modernismo brasileiro**. São Paulo, 1975. 159 f. Dissertação (Mestrado em Literatura

Brasileira – Orientação: José Aderaldo Castello) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

JOHNSON, Randal. A dinâmica do campo literário brasileiro (1930-1945). **Revista da USP**, São Paulo, n. 26, p. 164-181, maio 1995.

KIEL, Zita. **Via Láctea: Uma revista bahiana**. São Paulo, 1970. 111 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira – Orientação: José Aderaldo Castello) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

KREINZ, Glória Aparecida Rodrigues. **Revista Nova: Contribuição para o estudo do Modernismo**. São Paulo, 1979. 192 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira – Orientação: José Aderaldo Castello) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão et. alii. Campinas-SP: UNICAMP, 1990.

LINS, Álvaro. **Literatura e vida literária: Notas de um diário de crítica – Volume 1**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (Org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LUSTOSA, Isabel. **D. Pedro I**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da cultura brasileira (1933-1974): pontos de partida para uma revisão histórica**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2008.

NEME, Mário (Org.). **Plataforma da nova geração**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1945. (Autores Brasileiros, 11).

NISHIKAWA, Iracema Eiko Karazawa. **Cadernos da Hora Presente: Contribuição da Linha Espiritualista para o Estudo da Literatura Brasileira**. São Paulo, 1978. 184 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira – Orientação: José Aderaldo Castello) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

PONTES, Heloísa. **Destinos mistos: O grupo Clima no sistema cultural paulista (1940-1968)**. São Paulo, 1996. 374 f. Tese (Doutorado em Sociologia – Orientação: Maria Arminda do Nascimento Arruda) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

SILVA, Margaret A. Wood da. O Projeto de Estudo de Periódicos do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. **Revista do IEB**, São Paulo, ed. 21, p. 117-122, 1979.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.